



A JUREMA NO RITUAL TORÉ DOS POTIGUARA

Rosineide Marta Maurício Sousa¹

José Mateus do Nascimento²

Eixo: 07 educação, cultura e religião.

RESUMO

O presente estudo destaca a presença da Jurema no Toré, emblemas indígenas e ícones da indianidade nordestina, elementos sagrados, rituais simbólicos e alicerces da identidade dos Potiguara no litoral norte da Paraíba. O Toré para os Potiguara se expressa como maior marca da etnia, um ato que contribui para legitimar e resgatar sua história e etnicidade. Não existe Toré sem a Jurema. O nome "Jurema" vem do tupi guarani, onde "Ju" significa espinho e "Rema", cheiro ruim. De origem indígena, assume lugar na religiosidade popular, assumindo expressões como: feitiçaria e catimbó. A Jurema, historicamente, assume lugar na religiosidade indígena dos Potiguaras, de forma que é bebida sagrada que se entrelaça, harmoniza o ritual Toré, oportunizando a conversação com os ancestrais. A reunião entre ritual e planta sagrada nos mostra que a Jurema e o Toré são símbolos de autenticidade de uma espiritualidade viva até os dias de hoje.

Palavras-chave: Indígena. Toré Potiguara. Jurema

ABSTRACT

This study highlights the presence of the Jurema Toré, emblems and icons of the Indian northeastern Indianness, sacred elements, rituals and symbolic foundation of the identity of Potiguara on the north coast of Paraíba. The Toré for Potiguara expresses itself as the largest brand of ethnicity, an act that serves to legitimize and redeem their history and ethnicity. There is no Toré without Jurema. The name "Jurema" comes from the Tupi Guarani, where Ju means thorn and "Rema" smell bad. Of Indian origin, took place in popular piety, assuming expressions such as witchcraft and Catimbó. Jurema, historically, takes place in the native

¹ Especialista, integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Etnias e Economia Solidária (GEPeeS) – Departamento de Educação – Campus IV - UFPB. E-mail:

² Prof. Dr. Coordenador da Linha de Pesquisa Práticas Educativas e Etnias – GEPeeS, Departamento de Educação do Campus IV – UFPB. E-mail: zenmateus@gmail.com

religions of Potiguaras, so that is sacred beverage that is intertwined, brings the ritual Toré, allowing the conversation with the ancestors. The meeting between ritual and sacred plant shows that the Jurema Toré and are symbols of an authentic spirituality alive until the present day.

Keywords: : Indígena. Toré Potiguara. Jurema

Introdução

O presente artigo visa refletir sobre as principais conquistas dos Potiguaras no movimento de emergência, inaugurado desde a década de 1980. O foco da investigação está em notar a intersecção do ritual Toré e o culto da Jurema, como dimensões sagradas das tradições desenvolvidas nos aldeamentos Monte-Mór e Jaraguá, localizados em Rio Tinto - Paraíba.

A população da etnia Potiguara está distribuída nas 32 aldeias no Litoral Norte da Paraíba, nos municípios de Rio Tinto, Marcação e Baía da Traição. Cada aldeia possui um líder denominado de Cacique, responsável pela representação política da comunidade e comunicação com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), posto localizado na aldeia Forte.

A etnia Potiguara, os comedores de camarão, protagonizou histórias no surgimento do Brasil. Desde antes do século XVI, eles habitavam a Terra Brasilis com seus costumes, crenças e rituais. Com a colonização, a identidade e a cultura dos Potiguaras foram ameaçadas, de forma que a violenta aculturação tornou-se um plano de catequese da Ordem dos Jesuítas.

As perdas foram sentidas na descaracterização do ritual Toré, quando ocorreu assimilação de letras e musicalidade do culto católico e a proibição da presença da jurema, porque se atrelava o culto às práticas de magia, popularmente conhecido como “catimbó”. A prática também conhecida como “mandiga” foi fortemente combatida pela Igreja Católica como ação diabólica e os seus praticantes como “filhos do capeta”, condenados ao fogo do inferno. A jurema deveria ser tratada como uma planta da flora nordestina com princípios medicinais apenas.

No entanto, a planta da jurema sempre foi tratada pelos “troncos velhos” como símbolo de ancestralidade, como elemento essencial para o ritual Toré. Ela era responsável pela harmonização, sintonia dos que participavam do ritual e seus ancestrais. A planta se transformava em bebida, que representava a força e beleza da índia cabocla.

Atualmente, o ritual Toré Potiguara faz ressurgir a importância da jurema para a espiritualidade indígena. Porque ela remete ao que restou da identidade cultural da etnia. Nesse sentido, as lideranças indígenas voltaram a produzir o vinho da jurema e tem partilhado dele durante os rituais nas aldeias. A figura da flor da planta sagrada brotou outra vez, desta feita com força, pois está presente também nos motivos das pinturas corporais.

A folha da jurema retorna a ser adorno pintado em partes do corpo com tintas extraídas do fruto jenipapo e da semente do urucum. A pigmentação preta ou vermelha produz tatuagens que permanecem sobre a pele durante quinze dias. Acredita-se que a folhagem grafada nos braços e pernas atrai força, além de ser símbolo da etnia Potiguara.

A Jurema: planta espiritual da cultura indígena Potiguara

A pesquisa, em andamento, tem como cenário os indígenas Potiguara da Vila Monte-Mór e Jaraguá localizados em Rio Tinto – Paraíba, como espaço de luta de reconhecimento dos descendentes indígenas que habitam essas comunidades.

A região é caracterizada pela exploração de mão de obra barata, pela proliferação de engenhos durante os séculos XVIII e XIX. As reservas indígenas foram ignoradas e desapropriadas, o que provocou questão judicial entre os nativos e os donos de negócio. O imperador D. Pedro II, em dezembro de 1859, veio ao município de Mamanguape e colocou na pauta das discussões a problemática da remarcação das sesmarias e do território indígena na província da Paraíba.

Os conflitos em torno da posse de terras não cessaram, e no contexto histórico-geográfico do século XX, ainda ocorreram enfrentamentos aos proprietários da Fábrica de Tecidos Rio Tinto e aos usineiros poderosos, que se apropriaram violentamente das terras Potiguara. O objetivo dos latifundiários está em criar grande império de produção açucareira, repetindo os atos de invasão e massacre que os europeus fizeram no século XVI. Apesar da teoria de extinção étnica, o povo indígena Potiguara preservou remanescentes que, hoje, habitam o litoral Norte da Paraíba, Brasil, Vieira (2006) diz que:

No início deste século começou-se a desenhar a mobilização de moradores de duas aldeias localizadas no município de Rio Tinto – Paraíba, que se reconhecendo como indígenas, desejavam viver em suas próprias terras, como também receber tratamento diferenciado pelo estado e garantir melhor acesso à saúde e à educação. Incentivados pelo cacique geral dos Potiguara, os moradores de Monte-Mór ingressaram nesta mobilização realizando retomadas de terras ocupadas pelas usinas açucareiras, interditando rodovias, acampando na sede regional da Fundação Nacional do índio

(FUNAI) em João Pessoa – PB. No ano de 2004, a terra indígena foi identificada e demarcada, aguardando a homologação. O toré representou, assim como para outros grupos indígenas nordestinos, o elemento demarcador da indianidade, sendo realizado com mais frequência entre as pessoas que estavam se mobilizando.

Tanto o Toré como o culto à Jurema são marcas de espiritualidade dos Potiguaras. Há um esforço de legitimar esses atos sagrados e resgatar sua história e autenticidade, distanciando-se da representação preconceituosa de feitiçaria e catimbó, criada pela predominância da fé católica e catequese no século XVI.

Em recente entrevista, na aldeia Jaraguá localizada em Rio Tinto/PB, com o Pajé Sandro, podemos sentir que a Jurema continua presente no ritual do Toré. É notória a importância da planta que se transforma em bebida e possibilita a transcendência durante a realização do ritual Toré. O Pajé Sandro nos faz compreender que o cultivo da Jurema para os Potiguaras é uma prática sagrada da tradição indígena: “A Jurema é uma planta medicinal, fonte de energia, de espiritualidade que representa os quatro elementos: fogo, água, terra e ar. É uma força espiritual e traz significação importante, pois foi onde Jesus orou, debaixo de um pé de Jurema.” (PAJÉ, 2011, informação verbal).

Apesar do culto a Jurema os indígenas Potiguaras participam também dos cultos católicos. Antes das terras serem invadidas os índios já cultivavam a Jurema, faziam a bebida e a utilizavam na dança do Toré. Hoje tentam entrelaçar a Jurema e o Toré ao catolicismo, realizando um sincretismo religioso. Ocorre resistência de alguns que ainda temem o preconceito historicamente construído. Esse fenômeno foi explicado pelo Pajé (2011, informação verbal) da seguinte forma:

O conhecimento do índio veio através dos portugueses (catequese). Nos dias de hoje os próprios Caciques colocam para comunidade indígena expor a religião católica e não querem que a raiz indígena, nossa tradição, cultura. Se hoje vamos fazer o Toré têm Caciques que não dançam, a comunidade não transforma para os filhos o conhecimento da Jurema na nossa cultura, o Toré, nossa falange que é o tupi guarani. E que também fomos proibidos de dançar o Toré pelos poderosos que se apossaram das terras. O índio que dançasse Toré era morto e assim ficando com muito medo, pois quem dissesse que era índio morria e até nos aldeamentos os pais não passava o conhecimento da Jurema como planta medicinal, o conhecimento nativo. Hoje como professor de Arte e Cultura na escola Indígena aqui em Jaraguá e os meninos não conhecem nada de plantas medicinais e a Jurema é a principal da nossa planta medicinal, é o foco de tudo, é através da energia da bebida Jurema que conseguimos conversar com os nossos ancestrais nossos avós, tataravós, quando nos reunimos para dançar o Toré. A bebida Jurema é feita com a mistura de outras plantas medicinais: jurema, ajucá, juncá, manacá, gengibre e jatobá, se fazem o vinho, não entra açúcar nem álcool e com isso conseguimos se comunicar com nossos ancestrais.

Como vemos a confecção do vinho ainda ocorre de forma artesanal. O processo de fermentação depende da forma como ocorre a mistura das folhas da planta com outras folhagens e raízes encontradas na mata atlântica e na caatinga, somando-se ao tempo de repouso do líquido em recipientes.

O discurso do Pajé apresenta o vinho da planta como substância que promove a cura, porque é medicinal e também sagrado, quando possibilita comunicação com os ancestrais. Atribui-se dupla dimensão a repercussão sociocultural da planta nas aldeias. A planta tanto é eficiente para a saúde do corpo, como para o fortalecimento da espiritualidade indígena.

Notamos que o preconceito foi construído por religiosos portugueses, especificamente, os jesuítas e os “poderosos” que relacionaram o culto da Jurema com o “catimbó”, que a planta poderia trazer maldições. Há várias crendices conservadas por várias gerações. Conversando com algumas pessoas no aldeamento, elas falaram que quem desgalha o pé da Jurema fora do tempo ou sem autorização dos ancestrais recebe uma maldição. Isso é crendice ou verdade? O Pajé Sandro confirmou que existem alguns critérios e exigências no trato com planta, vejamos:

A Jurema fornece a folha, o caule e a semente, tem o tempo de tiragem, não é todo tempo que pode tirar a Jurema. A Jurema é tirada na lua nova com as folhagens novas, porque se você tira a Jurema amadurecida, ela não tem aquela energia das folhas novas e também a gente trabalha pela Lua, os astros. A Jurema transmite toda energia, vamos pela Lua porque se cortar o cabelo na lua minguante o cabelo minguia, lua cheia o cabelo cai. E se desgallar a Jurema antes ou depois da lua nova, atrapalha a vida daquela pessoa, tem o tempo para fazer isso. Existem dois tipos de Jurema: nessa região encontramos a Jurema branca de Mamanguape/PB, pra lá [...] encontraremos a Jurema preta, ela é mais do agreste. A diferença é que uma tem a casca branca e a outra a casca avermelhada, agora a Jurema preta o efeito é mais forte, tem mais energia na espiritualidade. Só quem pode mexer com a Jurema preta são os pajés. A valorização da planta foi através dos nossos pais, de geração que cultivavam a Jurema, o Toré e os costumes, passando de pai para filho através da fala, os artesanatos a significação das sementes, de plantas medicinais, para que serve qual doença que cura. E a gente vai se apegando a cultura através dos Pajés dos Anciãos que vão ensinando e a gente vai gravando todo ensinamento para quando aparecer uma pessoa a gente saber. (PAJÉ, 2011, informação verbal)

Podemos perceber que a prática do Toré e a bebida Jurema integram ritual de tradição indígena Potiguara e que, historicamente, houve um sincretismo religioso tanto com as matrizes do catolicismo, como as matrizes presentes no culto afro-brasileiro. De forma que a planta sagrada que se transformou em ritual Jurema não ficou restrito aos índios, os negros de origem bantos incorporaram a Jurema ao Candomblé e aos Orixás.

Do século passado até nos dias de hoje, poucos documentos discutem as origens e as formas de apropriação do Culto à Jurema entre os indígenas e os afro-brasileiros. Segundo Sangirardi Jr. (1983), a Jurema era usada ritualmente por tribos de dois grandes grupos indígenas que habitaram o Nordeste: os tapuias e os Kariri. Detalhes das cerimônias perderam-se para sempre, pois não foram registrados por nenhum escritor da época. Também houve a perseguição a esse tipo de culto e ritual durante a catequese dos índios, e esse combate ideológico estendeu-se até a primeira metade do século XX. Ocorreu uma ação forte e persistente de grupos religiosos e políticos para provocar a extinção da prática na região.

A planta Jurema possui dois significados quando assume a forma de bebida e também de entidade, como diz Rodrigo de Azevedo Grünewald (2008):

A Jurema e o Toré são, portanto, elementos sagrados e, apesar de sua difusão ritual ou simbólica em contextos não-indígenas, eles são sempre marca dos nativos que indicam, afirmam e delimitam a presença espiritual indígena na sociedade brasileira. Nos Rituais das religiões brasileiras onde existem Torés, estes são sempre um espaço indígena, são tradições e símbolos utilizados pelos próprios grupos indígenas.

Neste sentido, a planta da Jurema não se classifica apenas como integrante da flora brasileira, mas como parte constituinte da mitologia e religiosidade dos índios do nordeste. A planta é carregada de uma mística que se materializa em ritual. O Pajé a caracteriza como herança ritualística dos primeiros nativos e principal símbolo da tradição indígena Potiguara.

Estudos realizados no GEPeeS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Etnias e Economia Solidária, Linha de Pesquisa Práticas Educativas e Etnias, destacaram a histórica importância da Jurema no Toré dos Potiguara, confirmando a presença do sincretismo e da fusão de elementos culturais diferentes ou até antagônicos no ritual. Os índios têm a Jurema como planta sagrada, bebida alucinógena, folhas secas fumadas no cachimbo, galhos e flores usados em rituais de limpeza do corpo. É uma bebida sagrada, o que torna a cerimônia mágica e religiosa, capaz de provocar a comunicação com os ancestrais; para os negros, afro-descendentes, a planta assume a forma de entidade, espíritos de luz, prática identificada como feitiçaria pelos colonizadores e por isso condenada, proibida e perseguida.

A ressurreição do culto a jurema no ritual Toré Potiguara

Atualmente, a prática do culto à Jurema está sendo reinventada no processo de reconstrução mítica dos Potiguara. Apresenta-se como ícone da indianidade nordestina, alicerce de sua originalidade, planta de forças mágicas, cósmicas, tornando-se forma de expressão cultural, inspirando músicas e composições literárias que revelam as múltiplas experiências espirituais relacionadas à Mãe-terra e a valorização do ser indígena.

No ritual Toré, Jurema é a bebida sagrada que substitui o sacramento católico da hóstia. A cerimônia da Jurema continua como forte tradição que se manifesta no Toré indígena Potiguara, tornando-se elemento essencial no movimento de emergência étnica.

A presença do vinho da Jurema no ritual Toré tornou-se uma constância nos últimos anos, de tal forma que a bebida apresenta-se como um dos elementos integrantes do culto e assume posição central na espiritualidade das lideranças que participam da celebração. Ao lado de outros elementos como o maracá, o cachimbo e os tambores, a bebida vem sendo servida em “cuias” de cabaça ou “quengas” de coco. A partilha é realizada durante a dança. De mão a mão, de boca a boca, o líquido alucinógeno é repassado, propiciando sintonia com o mundo dos ancestrais, os espírito das matas e o deus Tupã.

No dia 19 de abril de 2011, a bebida esteve presente nos eventos de militância indígena nas aldeias da Baía da Traição, e foi servida ao governador do Estado da Paraíba, que em visita a festa, recebeu várias reivindicações da etnia Potiguara. Dentre elas estava o pedido de retorno da sede regional da FUNAI para a Paraíba, recentemente mudada para o estado do Ceará.

Compartilhar o vinho da Jurema com uma autoridade de Estado numa cerimônia pública na aldeia São Francisco apresenta-se como ato extraordinário, que se reveste de significados diversos. O ato pode ser compreendido como de natureza política, testemunho de acordos e parcerias entre poder público e etnia. Também pode ser entendido como ato místico em que os ancestrais são convidados para abençoar os pactos firmados entre índios e não-índios.

Nesta situação, a comunhão da bebida sagrada com o não-índio é uma ação especial, atribuição de honra e confiança de representantes da etnia a representantes do poder público estadual. O ato é extraordinário porque no cotidiano das aldeias Potiguara cultiva-se reverência à confecção artesanal da bebida, que está restrita às cerimônias religiosas de tradição. Evita-se o consumo dela no cotidiano das aldeias, tanto mais restrição a partilha com os não-índios.

Isto ocorre, porque o consumo da Jurema está no imaginário dos “troncos velhos” Potiguara como símbolo místico que integra a própria história e identidade da etnia. Para eles, constitui-se patrimônio imaterial que deve ser preservado, perpetuado entre as crianças e jovens. As crenças sobre a Jurema devem ser mais disseminadas nas escolas indígenas. Os professores precisam discutir sobre a importância da planta para a cultura indígena Potiguara, suas potencialidades medicinais e representatividade religiosa.

O trato com a Jurema não é uma prática oculta, torna-se elemento essencial da cultura Potiguara, portanto, deve ser socializado nas aulas de etnohistória. Conhecer sobre as origens e a representatividade da planta são possibilidades para a perpetuação do imaginário e das tradições religiosas. Nesse sentido, o espaço da escola tem sido tratado como alternativa de comunicação dos valores etnoculturais.

No processo de emergência étnica Potiguara, a realização do ritual Toré tem sido constante no conjunto das aldeias e em paralelo, a Jurema tem acompanhado essa dinâmica de atualização das tradições. Cada vez mais, evoca-se a força que a Jurema tem durante o ritual Toré.

REFERÊNCIAS

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. 2008 - Toré, e Jurema: Emblemas Indígenas do Brasil. Revista Ciência e Cultura – Cultura Indígena.

JR, Sangirardi – Jurema no regime de índio: Caso Aritikum. Rio de Janeiro, Alhandra, 1983.

PAJÉ Sandro fala da Jurema entre os Potiguara. Aldeamento Jaraguá/PB, 05 abr. 2011. [entrevista].

VIEIRA, José Glebson. Potiguara – Arigo publicado na Web - Outubro de 2006.

Wikipedia. Jurema Sagrada.